

» MARYNA LACERDA

Dar piruetas no ar, fazer pirâmide humana e se equilibrar sobre os ombros dos colegas. Para os atletas da Seleção Brasileira de ginástica acrobática, nenhum desafio corporal é tão difícil quanto arrecadar recursos para custear a ida ao campeonato mundial da modalidade. A pouco mais de um mês para o início da competição, a equipe treina sem saber se conseguirá embarcar para a França, no fim de junho.

Um recurso de R\$ 200 mil da Secretaria de Esporte do DF foi prometido à turma, mas o valor não cobre todas as despesas da viagem. Por isso, os **acrobatas** iniciaram uma campanha de arrecadação. Aos fins de semana e aos feriados, elas se apresentam em parques, praças e feiras do Distrito Federal e, em troca, pedem uma colaboração em dinheiro. O público contribui com o que puder ou considerar justo.

A iniciativa proposta por um grupo de mães e pais dos atletas se divide em duas frentes para arrecadar os R\$ 100 mil reais que faltam. A quantia se refere às passagens e às hospedagens da comitiva. Assim, enquanto alguns procuram empresas e órgãos públicos para pedir patrocínio, outros se desdobram para levar e buscar os ginastas — quase todos em idade escolar — aos locais de apresentação e também organizar a estrutura. “Nós procuramos os organizadores de feiras e de eventos que estão acontecendo na cidade para pedirmos autorização. Aí, eles reservam um espaço para os meninos fazerem os números”, conta a assistente social Marta Tenório, 58 anos, mãe da ginasta Bárbara Tenório, de 19 anos.

As apresentações acontecem desde o início do ano e, de centavo em centavo, o esforço surte efeito. Em uma hora e meia de performance, a equipe consegue arrecadar até R\$ 1 mil. “Depende muito de onde ocorre (o espetáculo). Em locais mais nobres, recebemos até notas de R\$ 100. Em outros, a caixinha fica cheia de moedas, mas, para a gente, isso é ótimo. Toda quantia é bem-vinda, mesmo que a pessoa não possa contribuir com muito”, destaca a servidora pública Karla Yoshida Arns, 47 anos, mãe das ginastas Sarah e Rachel Yoshida Arns, de 17 e 15 anos, respectivamente.

A seleção mostrou um pouco do que sabe na Feira Gastronômica de Brasília, há duas semanas, e nas comemorações do aniversário da cidade. A próxima apresentação será em um festival de música em 17 de maio.

“Frio na barriga”

Além da questão financeira, o projeto colabora para a divulgação do esporte, ainda pouco conhecido no Brasil. “Tem sido bom para as pessoas saberem mais sobre a ginástica acrobática. Depois dos espetáculos, o público vem comentar, surpreso, dizendo que nem sequer sabia da existência de uma Seleção Brasileira aqui. As crianças são as que mais gostam”, continua Karla. O engajamento dos pais é tamanho que o marido dela, o também servidor público Paulo César Arns, 49 anos, encarrega-se de convidar o público e anunciar o início das performances. “Eu saio chamando o pessoal, dizendo que a Seleção Brasileira de ginástica acrobática vai

Acrobacias rumo à França

Atletas da Seleção Brasileira de ginástica acrobática estão em campanha para arrecadar dinheiro e custear viagem para o campeonato mundial em Levallois-Perret. Vale até apresentação em feiras e eventos



A pirâmide humana feita pela equipe brasileira encanta quem acompanha a performance do grupo: esforço para representar o Brasil no exterior

começar a fazer os seus números. Antes, as minhas filhas ficavam com vergonha, mas, se a gente não fizer isso, não conseguimos o nosso objetivo”, defende.

Apesar do cansaço que a jornada provoca — com treinos de segunda-feira a sábado, além das obrigações escolares típicas da idade —, os momentos em contato com os espectadores motivam os integrantes da seleção. “Pensando bem, é muito cansativo, mas vale a pena, pois as pessoas nos dão apoio, o que é importante na reta final de preparação. Só de estarem lá batendo palma é muito bom. Gosto muito”, conta Bárbara Tenório. A jovem é a atleta mais antiga da equipe e acredita que o convívio com os colegas de idades variadas é benéfico. “A gente ri, diverte-se. Aproveito para passar calma às mais novas e conversar com elas sobre a necessidade de cuidar do emocional, porque a gente fica contando os dias para o campeonato”, explica.

Conforme a data da competição se aproxima, os acrobatas precisam reduzir a quantidade de espetáculos para evitar o desgaste muscular e psicológico. Assim, reduzem-se também as arrecadações. “Estamos na reta final e treinamos bastante os elementos em grupo. Agora, precisamos nos concentrar nos cuidados com o corpo e no equilíbrio emocional”, explica a atleta Rachel Arns. Esta será a primeira vez que ela e a irmã, Sarah, vão à disputa. As duas começaram a desafiar a gravidade e os limites do corpo há seis anos. “Vamos conhecer os melhores do mundo. Dá um frio na barriga”, sonha Rachel, sem esconder a apreensão.

História

A trajetória da Seleção Brasileira de ginástica acrobática no DF é recente, mas vitoriosa. Em 2008, a treinadora Márcia Colognese se mudou para a cidade e trouxe consigo uma bagagem de 25 anos de experiência no esporte. Aqui, ela fundou o Grupo de Ginástica Acrobática Akros/DF com nove garotas. Desde então, o grupo cresceu, e as medalhas se acumulam.

A equipe brasileira — paulistas também integram a seleção — é tetracampeã nacional e bicampeã brasileira. Hoje, a Akros tem 70 integrantes, dos quais 32 competem em alto rendimento. Para o campeonato mundial, em Levallois-Perret, na França, a equipe tem quatro desfalques em razão da impossibilidade de custeio dos gastos.

Difundir o esporte pelo país parece ser o talento de Márcia. “Sou uma implantadora. Implantei a modalidade em Guarulhos, onde morava, e, quando me mudei para cá, fiz o mesmo aqui”, brinca. Ainda que não seja tarefa fácil, trabalhar com jovens empolga a treinadora. “Aqui, há atletas de idade variada, de 6 a 23 anos. É um desafio porque eles argumentam tudo, mas é sinal de que estamos criando cidadãos questionadores. Eu aprendo muito com eles também”, comemora.

Ajude

Quem quiser contribuir com a seleção brasileira de ginástica acrobática pode entrar em contato com a treinadora Márcia Colognese pelo telefone: 8196-4686 ou pelo site www.akrosdf.com.br



Tem sido bom para as pessoas saberem mais sobre a ginástica acrobática. Depois dos espetáculos, o público vem comentar, surpreso, dizendo que nem sequer sabia da existência de uma seleção brasileira aqui. As crianças são as que mais gostam”

Karla Yoshida Arns, 47 anos, mãe das ginastas Sarah e Rachel Yoshida Arns

Diversão e esporte

A ginástica acrobática surgiu na Grécia antiga, mas ganhou destaque no império romano, quando a classe mais rica mantinha trupas particulares para diversão. Na Idade Média, os exercícios acrobáticos ganharam o mundo com quem circulava pela Europa. No entanto, somente no século 20 se desenvolveram os estudos da modalidade. O primeiro campeonato mundial ocorreu em 1974 na Rússia. A ginástica acrobática ainda não figura como esporte olímpico, mas há uma campanha de mobilização para inseri-la nas Olimpíadas.